



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE DE *-TECA*

Camila Nunes de Melo

Rio de Janeiro

2013

CAMILA NUNES DE MELO

DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE DE *-TECA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Professor Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

RIO DE JANEIRO

2013

FOLHA DE AVALIAÇÃO

CAMILA NUNES DE MELO

DRE: 110100366

DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE DE –TECA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação __/__/__

Banca examinadora:

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves – Presidente da Banca Examinadora NOTA_____

Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Lucia Leitão de Almeida NOTA_____

Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA_____

Assinatura dos avaliadores: _____

Melo, Camila Nunes de.

Derivação e composição: uma análise de *-teca*/ Camila Nunes de Melo. -2013
30f.

Orientador: Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Monografia(graduação em Letras habilitação Português- Literaturas)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 5-30.

1.Assunto Derivação e Composição. 2. Assunto Análise de *-tecano continuum* Derivação-composição. I Melo/ Camila II- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2013 III. Título

Sumário

INTRODUÇÃO.....	5
APORTE TEÓRICO.....	7
A TRADIÇÃO.....	19
APLICAÇÃO.....	22
CONCLUSÃO.....	29

1-Introdução

O problema de fronteiras entre os processos de formação de palavras, composição e derivação, advém da dificuldade de categorização dos formativos mais comuna cada um desses processos. Isso ocorre porque esses processos são majoritariamente definidos pelo tipo de formativos a que recorrem. Uma vez que essas classes de formativos não estão bem definidas, os processos em jogo tendem a não se distinguirem completamente.

Sendo assim, tem-se para a composição a classe dos radicais e para a derivação a classe dos afixos. Entretanto, novos formativos entraram em cena na constituição de novos vocábulos em português (variante brasileira). Esses novos formativos não têm uma classe completamente definida e oscilam entre as categorias afixo e radical.

Como já foi dito anteriormente, essa oscilação faz com que os processos também percam sua característica fronteira. Posto isso, as novas palavras que contêm esse tipo de formativo ficam difíceis de categorizar. Afinal de contas, qual processo está diretamente envolvido em formações que contém esses formativos para os quais ainda não há uma classificação definida?

Neste trabalho, será analisado um desses formativos que não apresentam com clareza sua classe, fazendo com que o processo que o envolve não seja detectado com nitidez. Esse formativo é *-teca* em formações tais como “maridoteca”, “textoteca” e “enoteca”, entre tantas outras.

Ao longo do trabalho, ver-se-á que o elemento *-teca* ora se comporta como radical, ora como afixo. Seu comportamento instável é ideal para a discussão a que se propõe este trabalho.

O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir as diferenças entre dois processos de formação de palavras, derivação e composição, a partir da análise do elemento *-teca*. Este será utilizado para fins de exemplificação de como os processos aqui citados são, na verdade, componentes de um *continuum*.

Além de defender a proposta de escala entre os processos, este trabalho também mostrará o quanto pode ser prejudicial conceber tais processos como é visto comumente

na tradição morfológica que os define, considerando que esta não dá conta dos casos menos prototípicos.

Nos cursos referentes à língua portuguesa da faculdade de Letras da UFRJ, vê-se uma série de questionamentos sobre as estruturas da língua e as gramáticas tradicionais. Estas sempre são consideradas, nesses cursos, como desatualizadas, pois não há um trabalho de revisão em cima dos conteúdos dessas obras.

A falta de atualização dessas gramáticas prejudica, em muito, o ensino da maior parte dos conteúdos em língua portuguesa em sala de aula. Por isso, nossa proposta analítica de *continuum* entre os processos pode ajudar os professores a melhor abordar o tópico “Formação de Palavras” em sala de aula.

Em suma, será colocado em xeque o engessamento das fronteiras entre derivação e composição exemplificando com o formativo em destaque com a esperança não só de que os casos sejam compreendidos de maneira mais ampla, mas que esse entendimento mais aprofundado sobre o problema ajude aos docentes a melhor instruir seus alunos.

Para que esses objetivos sejam compreendidos e alcançados, este trabalho foi dividido em cinco seções, que podem ser divididas em duas grandes partes, uma mais expositiva, composta pelas seções Introdução, Aporte teórico e Tradição; e outra mais analítica, composta pelas seções Aplicação e Conclusão.

A primeira seção diz respeito a um leve apanhado sobre o assunto que será abordado em todo o trabalho, seus objetivos e sua organização. A segunda é uma apresentação sumária dos textos teóricos que embasaram esta monografia. A terceira tem por objetivo revisar o que a tradição diz a respeito do elemento em destaque. A quarta procura aplicar a teoria e descrever o comportamento de *-teca*. A quinta e última procura apontar os benefícios que esse novo tipo de abordagem pode refletir em sala de aula e apresenta as conclusões dos questionamentos até então levantados.

2-Aporte teórico:

Dois importantes artigos baseiam a análise proposta na introdução. O primeiro deles, *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*, foi escrito por Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, no ano de 2011. O segundo, *O Estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em Português*, foi escrito por Gonçalves & Andrade no ano de 2012.

O primeiro deles é, na verdade, um grande apanhado de como são tratados por diversos autores os processos de derivação e composição e quais são as evidências que apontam para a análise desses processos por via de um *continuum*. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos* é um artigo que defende, principalmente, as abordagens que Kastovsky (2009) e Bauer (2005) oferecem para os processos em questão.

Para início de discussão, o autor demonstra que há opiniões muito divergentes sobre o assunto. Alguns autores acreditam que os dois processos são completamente distintos (KIPARSKY, 1982; BOOIJ & RUBACH, 1984). Outros acreditam que esses processos não podem ser diferenciados entre si (SINGH, 1997).

Diante de tantas opiniões radicalmente distintas, o artigo adotou a proposta de que esses processos são distintos entre si, mas essas diferenças são relativizadas à medida que há um *continuum* que os envolve. Essa proposta foi reiterada e refinada por Gonçalves (1999; 2005; 2011) e Kastovsky (2009).

Outro autor que pensou um ponto crucial para que a proposta de *continuum* fosse mais bem defendida é Bauer (2005). Para esse autor, o que evidencia a inter-relação entre os processos é a mudança morfológica. Tal pensamento pode ser comprovado a partir da conclusão de seu trabalho (2005: 107), citada no artigo:

“O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funcionada bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatutos compatível com outracategoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos/ advérbios que se comportam como prefixos, morfes

únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo.”

(GONÇALVES 2011, pp. 67)

Dessa maneira, justifica-se e compõe-se o *continuum* idealizado na figura abaixo, de maneira que os processos se relacionem a partir dos casos mais derivacionais para os menos derivacionais, portanto, composicionais:

|-----|

Derivação

Composição

(GONÇALVES 2011, pp.67)

Derivação e Composição são, dessa forma, polos prototípicos de uma escala. O autor chama a atenção para uma tabela que elenca as características mais salientes de cada processo, visando demonstrar que há casos mais prototípicos, pois atendem a quase todos os critérios definidos de um dos lados da tabela, e casos menos prototípicos, pois mesclam essas características. Veja a tabela destacada no artigo:

	Composição	Derivação
As unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma	Realização em uma única

	palavra prosódica	palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Predominantemente endocêntrica
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i>)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produz palavras em série

(GONÇALVES, 2011 pp.68-69)

Quais seriam os casos os quais justificam a análise por *continuum*? Esses casos relativizados atestam mudança gramatical? A partir dessa tabela, o autor analisa alguns casos fronteiros aos dois processos, ou seja, que poderiam ser localizados no meio do *continuum* anteriormente mostrado.

Esses casos são resultados de processos de formação de palavras menos conhecidos, tais como Fusão Vocabular e a Recomposição. Esses processos envolvem, primordialmente, elementos ainda não categorizados pela literatura tradicional que remete ao assunto.

A Fusão Vocabular diz respeito à criação de novas palavras a partir de pedaços morfêmicos ou não-morfêmicos de palavras. Geralmente, a classe de elementos difusa envolvida nesse processo é a chamada *Splinters*. Nas palavras de Gonçalves, na fusão vocabular,

“uma nova palavra é criada (a) por entranhamento de duas bases (‘lixeratura’, ‘crentino’, ‘cricionça’), (b) pela combinação de partes não-morfêmicas de duas palavras (‘portunhol’, ‘brasiguaião’, ‘vagaranha’) ou (c) pelo encadeamento de um pedaço de uma base com uma palavra inteira (‘forrogode’, ‘showmício’, ‘ovonese’). Um fato interessante nesse fenômeno, já apontado em Andrade (2008) e analisado com mais vagar em Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), é a possibilidade de uma das partes se envolver em novas formações e adquirir *status* morfológico pela frequência de uso.”

(GONÇALVES 2011, pp.69)

Splinters sempre são gerados a partir de processos não-concatenativos, tais como a fusão vocabular. Logo, um *Splinter* nada mais é do que um pedaço de palavra que originalmente não vinculava nenhum significado e, a partir de uma série de reanálises e formação de palavras com o seu uso, passa a vincular um significado próximo ao da palavra que o originou.

A título de exemplificação, observe a palavra “madrasta”. A palavra significa, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, “mulher em relação aos filhos anteriores do homem com quem passa a constituir sociedade conjugal”. Por esse tipo de relacionamento ser naturalmente complicado, o dicionário também apresenta uma segunda concepção da palavra: “mulher má, incapaz de sentimentos afetuosos e amigáveis.”.

Nessa palavra, a partícula “-drasta” não possui nenhum significado. Entretanto, essa partícula foi adjungida a outras palavras, tais como “mãe” e “tia”, destacando o complexo parentesco atribuído à madrasta. Portanto, tem-se “mãedrata” aquela madrasta que, diferentemente da demais, é tão cuidadosa quanto uma mãe e “tiadrasta” a irmã da sua madrasta.

A partícula que antes não vinculava nenhum significado passa a expressar os novos casos de parentescos que a inserção de uma mulher com o título de madrasta pode ocasionar em uma família. Essa partícula é denominada de *Splinter*.

Contos de fadas cristalizaram a figura da madrasta como uma mulher que, na maioria das vezes, quer se ver livre dos filhos de seu marido oriundos do casamento anterior. A palavra carrega consigo uma carga bastante negativa. Acredita-se que advém daí a segunda significação apresentada pelo dicionário acima.

Entretanto, nota-se que não necessariamente ‘drasta’ manteve a conotação negativa que tinha na palavra de origem. Isto também pode ser explicado pelas valorações que esse membro familiar sofreu ao longo dos anos. Casos de madrastas em famílias se tornaram cada vez mais comuns, o que pode ocasionar certa harmonia ao que antes podia ser considerado como desconfortável.

Essa explicação vale para destacar o quanto nuances semânticas podem afetar a morfologia de uma língua. Talvez a partícula em questão só tenha ganhado força para

criar outras palavras porque esse tipo de parentesco se tornou cada vez mais intenso e diversificado.

Portanto, ao ser relacionado com o significado de “parentesco não sanguíneo referente à esposa do seu pai, que não sua mãe”, ‘drasta’ criou uma série de palavras, pois houve a necessidade de se nomear tais parentes na sociedade.

Para Bauer (2005) a categoria *splinter* pode desaparecertornar-se um afixo produtivo ou uma palavra independente. Portanto, por constituir partículas tão difusas, de acordo com os critérios mencionados, os *splinters* ocupam posições intermediárias no *continuum* derivação-composição.

Outro processo que também é mencionado pelo autor como um processo com características difusas é a chamada Recomposição. Esse processo diz respeito à criação de um composto a partir de um truncamento de outro.

O truncamento ocorre quando uma palavra sofre um encurtamento, tal como “tele” de telefone e “salafra” de salafrário. Esse conceito é estudado na literatura de língua inglesa como *clipping*. Para autores como Scalise (1984) e Booij (2005), o truncamento é responsável por dar origem, além de *splinters* (‘choco’, ‘drasta’), também aos chamados afixóides¹ considerando a frequência de uso da forma encurtada.

A recomposição, portanto, ocorre quando um encurtamento adquire todo o significado da palavra da qual se desprende. Essas partículas, geralmente, vinculam outro tipo de significado em suas palavras de origem e isso é crucial para diferenciá-los dos *splinters*.

A título de exemplificação, observe a palavra “fotografia”. A partícula “foto” nessa palavra significa “luz”, “radiação magnética”. Porém, em palavra como “fotonovela”, “foto”² passa a vincular o significado da palavra “fotografia” e não mais seu significado originário.

¹Sabe-se que esse termo tem uma dupla interpretação. Ele pode ser entendido tanto como uma peça morfológica que se relaciona com uma palavra, exemplo: metro, mania; ou como um radical neoclássico ressemantizado, exemplo ‘tele’, ‘aero’. Este texto trabalha com a última acepção do termo representada.

²“Foto”, nas palavras do autor, passa a se comportar como uma espécie de metonímia formal da palavra fotografia.

Após a descrição desses processos que necessitam de um tratamento que não o tradicional no processo de formação de palavras por trabalharem com elementos não prototípicos, o autor irá ainda justificar o tratamento por *continuum* a partir dos processos de gramaticalização.

Para ele, esses processos evidenciam de maneira diacrônica que os elementos estão em constantes mudanças morfológicas, fenômeno pertinente a todas as línguas. Para exemplificar e fortificar sua ideia, o autor faz uso dos exemplos de mudança morfológica da partícula *-mente*.

Após toda a apresentação de processos que justifiquem o uso da proposta até agora defendida para o tratamento de formação de palavras, Gonçalves (2011) irá analisar algumas partículas para atestar sua proposta.

Os formativos analisados nesse artigo são *-logo,-grafo,-latra,-metro* e *-dromo*. Como se pode perceber, são formativos que ocupam preferencialmente a segunda posição nas formações, salvo alguns casos, como *-logo* em “logomania” e “teatrólogo”.

Todavia, o critério posicional não é um dos critérios mais fortes para determinar se um formativo está envolvido em um processo derivacional ou não. A fim de fazer esse diagnóstico, o autor aplica os demais critérios com o objetivo de ter maior precisão nessa definição.

Nessa análise, Gonçalves (2011) mostra o principal momento histórico em que essas palavras tiveram entrada no Português (séculos XVII e XIX), sua classificação mediante gramáticas tradicionais (radicais eruditos) e o comportamento que os aproxima, na verdade, dos afixos nessa língua.

Elementos como a frequência de uso, o status da vogal que liga esses radicais eruditos às demais partículas, com que tipo de partículas eles se agregam, seu posicionamento, padrões de produção são alguns dos fatores levados em consideração para o diagnóstico final.

Conclui-se que esses formativos comportam-se de forma muito heterogênea. Sua análise, nesse artigo, demonstra que esses elementos podem estar sofrendo mudança

morfológica e, por isso, estariam transitando entre os processos de derivação e composição.

O segundo artigo a dar sustentabilidade teórica para este trabalho é chamado de *Estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em Português*. Como já foi dito anteriormente, a difícil categorização de elementos que se encontram em processo de alteração morfológica é o fato que leva a uma abordagem menos inflexível dos processos de formação de palavras, tendo em vista que esses processos são determinados de acordo com a classe dos constituintes que os envolvem.

Considerando tal pensamento, esse artigo mostra que não só um *continuum* derivação-composição deve ser proposto, mas um *continuum* afixo-radical, tendo em vista que é a classe heterogênea dos formativos tratados por este *continuum* que implicará na forma difusa de se analisaremos processos.

Portanto, pode-se dizer que um artigo complementa o outro e vice-versa. Como o primeiro focalizou os processos, mesmo tratando de alguns elementos, o segundo dará prioridade para os elementos.

Para tanto, Gonçalves & Andrade (2012) irão elencar os critérios empíricos abaixo, que caracterizem os afixos, diferenciando-os dos radicais. Dessa forma, os autores distinguirão os elementos mais prototípicos de cada classe. E, logo em seguida, identificarão os elementos que se são menos prototípicos.

- a) São regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição pré-determinada na estrutura das palavras, vindo daí a distribuição entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprefixo, interfixo, confixo etc.
- b) Constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas ('sapat-eiro') ou livres ('mês-ário')
- c) Por serem presos, não formam palavras prosódicas independentes. Dito de outra maneira, são elementos que,

em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento.

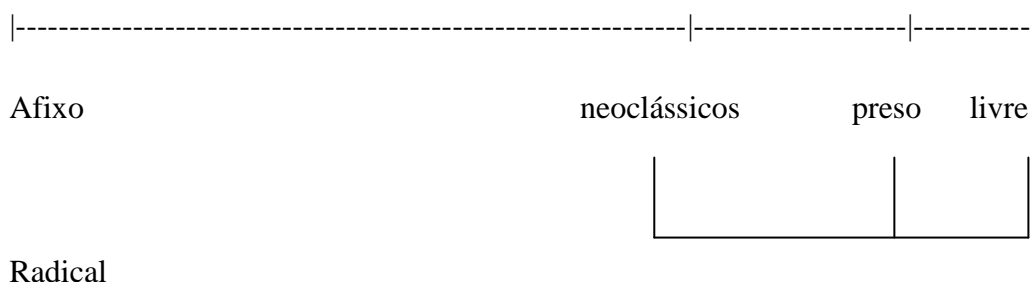
- d) São elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada. De acordo com Basilio (1987:28), “*essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação*”, correspondentes aos vários afixos. Assim, continua a autora, “*a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua*” (BASILIO, 1987:28); por isso mesmo,
- e) Servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais;
- f) Atualizam significados mais largos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua
- g) Recorrentemente, atribuem à mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Com efeito, os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem;
- h) Justamente por veicularem ideias gerais, constituem um elenco fixo- e não muito numeroso- de unidades linguísticas, caracterizando, portanto, um inventário fechado;
- i) Impõem restrições semânticas e sintáticas sobre o constituinte a que se agregam. Em outras palavras, selecionam a categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo) e a classe semântica (por exemplo, abstrato/concreto; animado/inanimado; contável/não contável) do constituinte com que se combinam; em decorrência,
- j) Ainda que ocupem diferentes lugares na cadeia sintagmática, não se combinam entre si (*super-ismo; *des-mento; *in-eiro); por fim,

k) Não são sensíveis às regras de redução de coordenação

(CoordinationReduction- CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR) (cf. KENESEI,2007:10)

(GONÇALVES& ANDRADE pp. 122-123)

Inicialmente é mostrada uma idealização de como seria esse *continuum*, como mostra a figura retirada do artigo abaixo. Logo em seguida, os autores irão tratar da natureza difusa dos elementos que não foram posicionados nessa primeira escala.



(GONÇALVES& ANDRADE pp. 128)

Nota-se, de acordo com a figura acima, que a classe dos radicais é muito complexa. Isso porque esses radicais podem ser classificados como eruditos (os que mais se aproximam do comportamento dos sufixos), presos e livres. Mesmo assim, esse *continuum* encontra-se incompleto.

Os autores mostram que há elementos de difícil categorização que foram todos definidos como *formas combinatórias*. Entretanto, nesse grupo, elementos com características muito distintas entre si foram todos catalogados como participantes de uma mesma categoria.

Os autores mostram que a inserção de tantos elementos diferentes entre si em uma mesma classe é algo extremamente problemático, pois esses formativos são de natureza variada. Kastovsky (2009:12) é citado no artigo para confirmar tal complexidade: “forma combinatória é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que resolve, e deve ser descartado.”

Em seguida, são retomadas as discussões que envolvem os processos não-concatenativos, geradores dos *Splinters*, e o processo de Recomposição, gerador de

afixoides. Para cada um desses tópicos, é analisada uma lista de formativos. Sendo assim, para as formações com recomposição são analisados *auto-*, *tele-*, *foto-*, *homo-*, *eco-*, *aero-*, *petro-*, *agro-*, *bio-*, *moto-* e *tecno-*. Já para as formações com *Splinters* são analisados os seguintes formativos: *caipi-*, *fran-*, *choco-*, *euro-*, *info-*, *-nese*, *-trocínio*, *-drasta*, *-lé*, *-tone*, *-ranha*, *-neja*, *-lândia* e *-asta*.

Esses dois processos já foram comentados no artigo anterior, o que mostra uma confluência entre ambos os artigos. Embora os processos sejam os mesmos, os autores retomam essas ideias a fim de analisar outros tipos de formativos.

Todavia, há uma novidade nesse artigo, além a proposta de um *continuum* afixo-radical. No segundo artigo, há um novo processo que não foi nomeado no texto anterior, o qual os autores denominam de Xenocostituintes.

Os Xenocostituintes são partículas que passam por processos idênticos aos dos *Splinters*, mas com um tipo de formativo diferente. Os formativos usados aqui não são mais os radicais neoclássicos, mas partículas emprestadas do inglês, o que pode ter motivado seu nome.

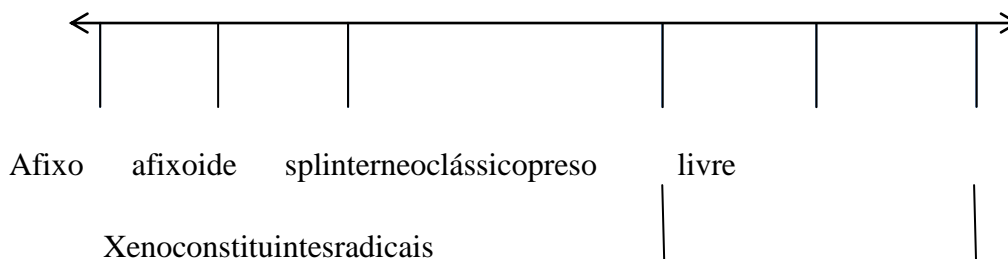
Essas partículas são partes de palavras vazias em significados em suas palavras de origem (inglesa) que passam a fazer referência ao significado das palavras das quais se desprenderam para dar gênese a novas formações.

Para exemplificar, tomemos o caso do formativo *-gate* surgido da palavra *Watergate*. Essa palavra foi cunhada no inglês para indicar um escândalo político envolvendo o presidente Richard Nixon e o complexo chamado *Watergate*, sede do Comitê Nacional Democrata na capital dos Estados Unidos.

O formativo em questão, como se pode ver, era esvaziado de sentido na palavra *Watergate*. No entanto, em formações como “*Matela-gate*” e “*Panetone Gate*”, o formativo ganha sentido de “escândalo político”.

Dessa maneira, Gonçalves e Andrade (2012) analisam outros elementos com esse tipo de comportamento. No artigo em questão, os componentes *e-*, *i-*, *-gate* e *pit-* são analisados e denominados de Xenocostituintes.

Com tais considerações, os autores reformulam o antigo *continuum* entre afixo e radicais, adicionando esses novos tipos de formativos ao longo da escala. O *continuum* mais completo foi destacado do artigo para este trabalho e pode ser observado abaixo:



(GONÇALVES & ANDRADE pp.141)

A proposta, agora, além de mais completa, está demarcando bem as fronteiras permeáveis entre as duas classes. As antigas formas combinatórias podem ter, dessa forma, um exame que cuide melhor de cada uma de suas peculiaridades.

Os autores concluem seu texto, ressaltando que classificações muito genéricas não dão conta das especificidades dos elementos em questão e que essa mescla entre os elementos aponta para a falta de fronteira rígida entre os processos de formação de palavra.

Projeções para trabalhos futuros também são feitas. Os autores prometem que um estudo detalhado sobre cada formativo será realizado por jovens pesquisadores que queiram se debruçar sobre o assunto. De fato, no grupo de pesquisa NEMP (Núcleo de estudos morfossemânticos do português), ao qual se filiam os autores, possui iniciantes em pesquisa, mestrandos e doutorandos que procuram detalhar profundamente o comportamento de cada formativo aqui citado, assim como novos formativos.

A autora deste trabalho também é vinculada a esse grupo de pesquisa, cujos fundadores são o já citado Carlos Alexandre Victorio Gonçalves e Maria Lúcia Leitão de Almeida. Este trabalho não só é uma monografia de final de graduação, mas também um reflexo do que se vem fazendo no NEMP.

Como se pode observar, os dois artigos em questão são essenciais para o trabalho que se pretende desenvolver neste texto. Contudo, vale a pena ressaltar que outros artigos tão importantes quanto também auxiliaram no desenvolvimento desta monografia. São eles: “*Neoclassical word formation in WM electronic dictionaries*”,

PETROPOULOU & ten HACKEN (2002) e “*On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek*”, PETROPOULOU (2009).

O primeiro deles é um artigo que estuda o processamento de um programa de manutenção para dicionários eletrônicos (Word manager). Os autores acreditam que compreender como esse programa age para gerir esses dicionários pode ajudar a entender como uma língua se comporta principalmente quando são inseridas novas formações no seu inventário lexical.

O segundo é uma análise dos compostos neoclássicos com enfoque em duas principais línguas, o inglês e o grego moderno. Comparações entre as línguas e os mesmos formativos os quais ambas utilizam no processo de formação de palavras referente a cada uma delas, assim como um mapeamento desses formativos são realizados.

É necessário ressaltar que essas leituras foram feitas apenas para observar como alguns formativos podem passar por processos muito parecidos em outras línguas, tais como as línguas que aparecem nesses textos, o inglês, o grego moderno e o italiano, por exemplo.

Esse paralelo ajuda a pensar o comportamento de *-teca* em português, tendo em vista que se trata de um radical neoclássico, assim definido em gramáticas tradicionais, que também foi incorporado em outras línguas.

Contudo, esses artigos apareceram com menos força em nosso trabalho, considerando que essas leituras foram realizadas apenas com fins de abrangência e refinamento do pensamento aqui desenvolvido.

3- A Tradição:

Esta seção é inteiramente dedicada à revisão de como o elemento aqui em destaque é tratado pela literatura especializada e tradicional. Esta revisão é extremamente importante, uma vez que mostra como *-teca* é concebido por alguns autores e como essa concepção pode ser problemática.

A princípio, serão apresentadas as definições que gramáticos tradicionais fazem do formativo. Em seguida, definições de dicionários eletrônicos e etimológicos também serão apresentadas e comentadas.

Na obra *nova gramática de português contemporâneo*, o elemento *-teca* aparece na lista dos radicais gregos como um elemento que ocupa a segunda posição em compostos vinculando o significado de “lugar onde se guarda”. Os autores explicitam que esses radicais são “fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos” (CUNHA&CINTRA 2007, pp. 127).

Outras obras, tais como *Moderna gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009) e *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (LIMA, 2011), também foram consultadas, todavia tais obras não mencionam o formativo nos capítulos destinados aos processos de formação de palavras.

Nota-se, por hora, que as gramáticas tradicionais ou definem *-teca* essencialmente como um radical, ou preferem negligenciar o formativo sem qualquer explicação prévia. Neste trabalho, acredita-se que essa falta de menção ao formativo se dá devido à natureza instável do elemento.

A fim de procurar uma definição mais completa acerca do formativo, recorreu-se às possíveis definições encontradas em dicionários etimológicos tais como COROMINAS, 1987; CUNHA, 2010 e NASCENTES, 1955.

O primeiro deles não apresentou uma definição exclusiva, assim como os demais, para o formativo. Nele havia apenas um exemplo com o elemento, aludindo a este sem defini-lo exclusivamente, o que não coube a esta pesquisa.

O segundo, *dicionário etimológico da língua portuguesa*, apresentou a seguinte definição: “**-teca** suf., nom., deriv. do gr. *thèkē* ‘caixa, cofre, receptáculo’, que se documenta em compostos eruditos, alguns formados no próprio grego como *biblioteca*,

hipoteca etc., e vários outros de formação moderna como *discoteca*, *mapoteca* etc.” (CUNHA, 2010)

O terceiro, *dicionário etimológico da língua portuguesa* (NASCENTES, 1995), também apresenta algumas palavras acerca do formativo e o significado de algumas palavras que contém o mesmo, observe:

“TECA- 1(madeira) : Do malaiala-tamul tekku, de origem sânscrita (Dalgado, G., Viana, Apost., II , 470 , Lokotsch)- 2 (célula) : Do grego théke. Estojo, cofre pelo lat. Theca.”

“TECÁFORO- De teca2 e gr, *phorós* , portador”

“TECAMÊBEO -Do gr. *théke* , caixa, estojo, *ameba* , q. v.e suf. eo.”

“TECAMONÁDEO – Do gr. *Théke*, caixa, estojo, *mônada*, q. v., e suf.eo.”

“TECÁPODO – Do gr. *Théke*, estojo, e *poús*, *podós*, pé.

“TECASPÓREO-De teca 2 esporo e sufixo eo.”

Com essas definições etimológicas e com os exemplos de palavras que contém o formativo em questão no segundo dicionário, pode-se dizer que *-tecaera* utilizado, preferencialmente, como um radical formador de compostos em grego. Isto pode até justificar as definições encontradas nas gramáticas tradicionais citadas anteriormente, porém, esse *status* em português tem apresentado certas diferenças.

Por fim, serão apresentadas definições encontradas em dicionários eletrônicos, como o do autor Houaiss (2009), com o intuito de mapear o que dicionário mais voltado para as projeções de sentido diz a respeito do formativo. Observe a definição a seguir:

“elemento de composição

pospositivo, do gr. *thêké,és* 'caixa, estojo, escrínio; depósito, prédio de guarda', representado no lat. *theca* como helenismos, e compostos de vária época, cultos, predominantemente, nos mais modernos, com a noção de 'coleção' e 'local de guarda de coleções':

biblioteca, brioteca, carpoteca, cinemateca, dimorfoteca, discoteca, endoteca, espermateca, filmoteca, fitoteca, fonoteca, fototeca, gliptoteca, grafoteca, hemeroteca, hipoteca, hoploteca, iconoteca, litoteca, mapoteca, oftalmoteca, pinacoteca, sonoteca, zincoteca, zooteca (o padrão de referência é o comp. gr. *bibliothêké* [antes, *bubliothêké*] 'caixa de guarda de livros, local de guarda de livros, depósito ou prédio de guarda de livros' [levando em conta que o referencial em 'livro' mudou com os tempos], que se representa no lat. *bibliothéca* 'local em que se guardam livros, livraria (como coletivo)', de que o lat. criou dois der. *bibliothecális, e* 'relativo à biblioteca', *bibliothecarius, ii* 'o que guarda e conserva uma biblioteca'; todos os subst. em *-teca* admitem adj. em *-tecal*, de dois gêneros e com pl. regular, e subst. de agente em *-tecário*"(HOUAISS, 2009)

Nessa definição notou-se algumas nuances de significado do formativo em novas formações. Ora, como já foi mostrado anteriormente, mudanças em significados, mesmo que pequenas, podem afetar a morfologia da língua. E é exatamente isso que será defendido para o formativo em questão.

O segundo dicionário eletrônico utilizado com o mesmo fim, (AURÉLIO, 2010), não apresentou nenhuma definição exclusiva do formativo que contribuísse para este trabalho, apenas continha definições de palavras que faziam uso de *-teca*.

Essa revisitação à literatura especializada no assunto oferece muitas visões acerca de *-teca*. Na seção que se segue, tais visões serão colocadas em xeque a partir da teoria em que se baseia este trabalho. Por ora, apenas foram apresentadas as concepções mais tradicionais do formativo.

4- Aplicação:

A seção anterior serviu para auxiliar toda a discussão que será feita nesta seção. Como se pode perceber, o elemento *-teca* foi definido, na maioria das vezes, como um elemento da composição, ou seja, um elemento caracterizado como um radical. Essa definição foi motivada a partir do seu uso em grego antigo.

Foi feito um mapeamento das palavras que continham o formativo, buscaram-se tanto palavras dicionarizadas quanto as novas formações. Essa busca foi viabilizada através de sites de relacionamento (como Orkut e Facebook), sites de busca (como Yahoo e Google), revistas e jornais de grandes circulação (como Veja e O Globo) e dicionários eletrônicos (como Houaiss e Aurélio).

Com isso, montou-se um *corpus* que contém, atualmente, 81 palavras. Este foi analisado a luz de quatro critérios destacados por Gonçalves & Andrade (2012), com o objetivo de mostrar que a categorização de *-teca*, tal como foi visto na seção anterior, não é adequada.

Para comprovar essa afirmação, observe a aplicação de alguns dos critérios definidos no artigo *O Estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em Português*. A primeira característica que distancia o elemento de sua categorização como radical é seguinte:

- a) São regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição pré-determinada na estrutura das palavras, vindo daí a distribuição entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprefixo, interfixo, confixo etc. (GONÇALVES & ANDRADE, 2012)

Os afixos, como indica no critério a), possuem restrições muito fortes. Ao contrário, nas formações por composição mais prototípicas, as palavras e os radicais podem ora ocupar uma posição, ora outra. A título de exemplificação, repare nas palavras “pique-pega” e “pega-rapaz”. A palavra “pega” pode ocupar tanto a primeira quanto à segunda posição sem que seu *status* seja questionado.

Foi observado no *corpus* desenvolvido para este trabalho que não houve nenhuma ocorrência de *-teca* em outra posição que não a segunda. Por isso, formações

tais como *tecatexto ou *tecamapa são consideradas agramaticais para os usuários do Português(variante brasileira).

Ter um posicionamento tão fixo em uma palavra confere à *-teca* uma característica similar a dos afixos, mais especificamente dos sufixos. Todavia, o critério posicional, apesar de característico, não é suficiente para que o formativo seja considerado como tal. Observe, então, o segundo critério destacado neste trabalho que confere à *-teca* mais uma característica de afixo:

- b) Constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas ('sapat-eiro') ou livres ('mês-ário'). (GONÇALVES & ANDRADE, 2012)

Alguns radicais podem aparecer na língua tanto presos quanto livres. A partícula *-fobia* pode exemplificar esse caso. Ela aparece tanto em formações como "acarofobia", quanto em formações como "Ele tem fobia de água", o que lhe atribui uma característica de radical.

Afixos mais prototípicos não têm livre curso na língua. Para exemplificar atente para o prefixo *des-*. Em palavras como "desorganizar", "desmentir", o formativo, sendo preso, não causa qualquer estranheza. Contudo, não há registro de *des-* funcionando livremente em um enunciado, como ocorre no exemplo dado com *-fobia*. Logo, em sentenças como "*Vou fazer uma des nessa mentira" são completamente esquisitas à língua

De acordo com esse critério, o elemento *-teca* também atende a um diagnóstico mais direcionado aos afixos. Isso porque em toda a pesquisa feita até então não houve uma ocorrência desse formativo como palavra livre na língua.

Formações com o elemento *-teca* tais como "* Eu tenho uma teca de livro" ou "*Eu tenho uma teca de esmaltes" são reconhecidas como agramaticais para os usuários do Português da variante brasileira. Portanto, o elemento não pode ser utilizado livre na língua, o que lhe confere uma característica de afixo. Outro critério que definiria o formativo como afixo pode ser visto abaixo:

- k) Não são sensíveis às regras de redução de coordenação (Coordination Reduction- CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR) (cf. KENESEI,2007:10). (GONÇALVES & ANDRADE, 2012)

Alguns elementos, tais como *–mente*, atendem às regras de coordenação. Isso significa que enunciações do tipo “Rápida e rasteiramente a menina fugiu do ladrão” são aceitas e consideradas completamente gramaticais.

Porém, com o formativo em questão isso não ocorre. Enunciações tais como “Comprei uma vídeo e uma discoteca ontem no shopping” nunca seriam empregadas com o primeiro elemento se referindo a “videoteca”, de modo que *–teca* não pode ser suprimido em estruturas de coordenação, diferenciando-se, portanto, de *–mente*.

O não atendimento do formativo a esse critério lhe confere uma característica de afixo, contrariando mais uma vez queo que é descrito nas gramáticas tradicionais. Esse critério pode ser reflexo de sua não autonomia na língua, como demonstrado no critério anterior.

Não obstante, o não atendimento da partícula em questão a certos critérios que definem afixos pode apontar para característica saliente aos radicais. Observe que *–teca* não atende ao critério destacado abaixo e, portanto, possui uma característica de radical:

- l) Ainda que ocupem diferentes lugares na cadeia sintagmática, não se combinam entre si (*super-ismo; *des-mento; *in-eiro). (GONÇALVES & ANDRADE, 2012)

O elemento em questão se combina não apenas com afixos, mas com diversos outros tipos de elementos, como truncamentos, palavras, siglas, palavras estrangeiras, como se pode observar nos seguintes exemplos: ‘bijuteca’, ‘cinemateca’, ‘dvdteca’, ‘gameteca’, ‘enoteca’ etc.

Afixos se ligam apenas a radicais/palavras. Por outro lado, palavras/radicais podem se ligar a qualquer outro tipo de partícula. Logo, por se combinar com qualquer tipo de elemento, *–teca* apresenta atributo de radical.

Nem todos os critérios podem ser definidos e defendidos neste trabalho. Todavia, o apanhado geral de apenas quatro desses critérios já resulta em um impasse.

Os resultados das análises são bastante distintos, tornando a categorização do formativo complexa.

O comportamento variável que esse formativo tem é indiciado pelo fato de os critérios destacarem seu aspecto de afixo de acordo com determinados quesitos, enquanto que seu aspecto de radical é reavivado em detrimento de outros quesitos.

Há uma consideração que deve ser feita sobre o formativo *-teca* que não necessariamente diz respeito a apenas um critério dos estabelecidos por Gonçalves&Andrade (2012), mas que também pode contribuir para as conclusões a que chegará este trabalho.

Essas considerações dizem respeito apenas às novas formações presentes no *corpus* desta monografia. Essas formas parecem ter criado paradigma a partir de uma palavra terminada em *-teca*.

Acredita-se que as novas palavras em questão são reanálise feitas a partir da palavra “biblioteca”. Isso pode ter ocorrido por duas razões: a primeira delas é que essa palavra é a mais antiga da língua, de acordo com os registros encontrados nos dicionários etimológicos () que datam o ano de 1536 para as primeiras ocorrências dessa palavra. A segunda delas é que essa palavra é uma das mais populares, caso sejam consideradas as demais palavras que utilizam o formativo.

Para exemplificar, considerem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 1:

“Inicia nesta segunda-feira, dia 16 de julho, a distribuição de milhares de revistas nas escolas municipais. A ação faz parte do “**Revistoteca**”, um projeto a nível municipal que consiste na doação de revistas usadas. Foram arrecadadas cerca de 5 mil revistas que serão doadas às escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental. As revistas servirão para compor o acervo das “revistotecas” nas escolas facilitando o acesso de todos os alunos a mais esta fonte de cultura”

SITE:

<http://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/site/vernoticia.php?id=29D>

ATA: 05-09-2013HORA: 21:03

Exemplo 2

“Biblioteca? Na verdade, trata-se da "**Barracoteca** Hans Christian Andersen" -corrige Otávio.”

SITE: [http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml)

[livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml) DATA:

26/09/2013 Hora: 20:50

As palavras destacadas dos trechos anteriores são exemplos de novas formações com *-teca*. Tais palavras vinculam os significados de “biblioteca composta por revistas” e “biblioteca localizada dentro de um barraco”, respectivamente.

Como se pode perceber, a palavra “biblioteca” aparece nos dois significados referentes a essas palavras, evidenciando a força da analogia da palavra mais antiga com o formativo *-tecas* sobre as demais. Essas palavras podem ser consideradas como resultados de um cruzamento vocabular, processo que geralmente dá origem a palavras com formativos que não se encontram nos polos do *continuum* aqui proposto.

O interessante a se destacar dessa analogia é que as novas formações, apesar de ainda lembrarem o conceito de “coleção” que *-teca* pode atribuir, estão simultaneamente ligadas ao conceito de “lugar”, resultado de uma possível lexicalização que vem sofrendo a palavra “biblioteca”.

Entretanto, nem todas as novas palavras se enquadram nesse paradigma. A exceção se fez na palavra “maridoteca”, que pode ser exemplificada na passagem a seguir:

“[...] agora que inventaram esta 'Maridoteca' ela pode ficar até à vontade para gastar que pelo menos eu posso me entreter com os jogos”

SITE:<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/02/homens-ganham-maridoteca-para-esperar-mulheres-em-shopping-de-mg.html> DATA: 26/09/2013
Hora: 20:50

Essa palavra foi retirada de uma reportagem encontrada no G1. O significado da mesma pode ser tomado como “lugar no shopping onde os maridos esperam suas esposas voltarem das compras.” Esses lugares podem ser repletos de jogos, tvs entre outras distrações direcionadas ao público masculino.

Considerando seu significado, vê-se que “maridoteca” não atende, a princípio, o paradigma aludido acima. Nessa palavra, observa-se apenas um dos significados vinculados à *-teca*, o de “lugar”, e em hipótese alguma se pode atribuir a essa palavra o significado de “coleção”.

Para que se possa guardar algo é preciso que se tenha um lugar apropriado. Por isso, normalmente, as palavras com esse formativo aludem ao mesmo tempo a lugares e aos objetos a serem guardados. Assim ocorre com “biblioteca”. A depender o contexto, essa palavra pode estar se referindo a uma coleção de livros de uma pessoa ou ao lugar onde essa coleção pode ser encontrada/ guardada.

Essa especialização peculiar do uso de *-teca* faz menção a toda discussão levantada nos dois artigos que baseiam este trabalho. A depender a frequência de uso, formativos podem sofrer mudanças de significado que podem refletir-se em mudanças morfológicas e, conseqüentemente, categoriais.

Aqui se tem, portanto, mais um indicio que aponta para a reflexão de que, por mais que esse elemento fosse um radical em sua língua de origem, o grego clássico, e que em alguns aspectos ele se comporta como tal, *-teca* pode estar sofrendo um variação que, a depender do tempo, culminará ou não em uma mudança, no caso, sua transformação em afixo.

Comprova-se, então, a importância da teoria presente nos artigos *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*, escrito por Carlos Alexandre Victorio, no ano de 2011 e *O Estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em Português*, escrito por Gonçalves & Andrade no ano de 2012 para a análise de formativos em processos de mudança, tais como *-teca*.

Caso fosse considerado o *continuum* afixo-radical para as análises até então feitas, a partícula analisada neste trabalho deveria, a partir das análises dos critérios, ser posicionada mais próxima dos afixos no *continuum*. Seu posicionamento mostra não só o seu processo de transformação como também reforça a escalaridade entre afixos e radicais.

Reforçando a teoria de *continuum* entre essas categorias, reforça-se também a ideia de que Derivação e Composição são processos de formação de palavras que ocupam os polos dessa escala, tendo em vista que esses processos são determinados pelas categorias que os envolvem. Sendo elas escalares, os processos também o são.

Em processo de mudanças linguísticas, o formativo que sofre essa alteração pode culminar em uma nova categoria sem deixar de guardar alguns resquícios da categoria anterior.

É o que ocorre com *-mente*. O formativo já é considerado como um afixo, formador de advérbios, pela tradição, mas ainda guarda ligações com sua categoria anterior, substantivo. Isso é evidenciado pelo fato de *-mentese* ligar apenas a adjetivos femininos, traço de gênero oriundo de sua antiga categoria.

A importância do *continuum* para processos e para categorias demarca essas transformações e deixa claro, a partir dos critérios, o que restou da classe anterior em um formativo que culminou em mudança, deixando a análise mais clara e eficiente.

5-Conclusão

Uma primeira conclusão que se tira deste trabalho é que mudanças de significado podem acarretar em mudanças morfológicas. A análise por gradação mostra detalhadamente essas mudanças e, por isso, é a mais adequada. Ela não só dá conta dos casos mais prototípicos, mas também dos casos difusos.

No caso de *-teca*, formativo utilizado para justificar esse tipo de análise e exemplificá-la, mostrou-se que uma focalização em um dos significados que o mesmo possui, pode ter suscitado na mudança morfológica a que se supõe ter sofrido esse elemento.

A partícula, atendendo a três critérios de afixo, mostrou-se bastante perto dessa classe. Apesar disso, algumas de suas características como radical permaneceram, em menor número, considerando um montante de 4 critérios aplicados. Esse único critério apontado para a classe dos radicais pode ser um resquício de sua classe anterior, característica típica de elementos que sofreram alguns tipos mudança linguística.

Entretanto, gramáticas tradicionais insistem em classificar *-teca* como radical. Essa classificação confunde alunos menos experientes com a língua, pois ao notar certas características menos relevantes, porém mais salientes, como o critério posicional, identificam o elemento como afixo e não como radical.

É perceptível também que essas abordagens, principalmente no que tange à sala de aula, são extremamente tradicionalistas, uma vez que se prendem à classificação do elemento em grego antigo sem considerar sua presente atuação em português (variante brasileira).

Além disso, em nenhum momento são abordados os elementos mais novos – aqueles que justamente apontam as novas acepções que um formativo pode ter. O léxico é, em quase todas as línguas do mundo, o primeiro segmento a sofrer mudança. Isso porque ele é manipulável por qualquer falante da língua e o seu uso tem alta frequência, condições que facilitam a variação. Por isso, estudá-los dessa maneira é extremamente prejudicial, considerando que ele está em constante variação e/ou mudança.

Como resolver o problema, então? Primeiramente, uma atualização a respeito do tema deve ser feita nas gramáticas tradicionais. É muito mais válido mostrar a utilização vernácula do termo, do que se restringir a classificações que não se justificam mais.

Os professores podem mostrar para seus alunos que essas categorias não são tão fixas e que esses elementos podem oscilar entre elas a depender de diversos fatores, como o tempo e o modo como os falantes utilizam a língua, além das características pertinentes a esses falantes, que também podem afetar o uso linguístico.

Bibliografia:

AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2011.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

BAUER, L. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 508-509, 1979.

BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, p. 403-422, 1998.

BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. *et al.* (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HARBOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes*.

Morphology in Toulouse. Somerville MA.: Cascadilla Press, 2007, pp. 34-44.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. *et al.* (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

BOOIJ, G. & RUBACH, J. Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 1, 1- 27, 1984.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

- COROMINAS, J. *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos, 1987
- CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010
- GONÇALVES, C. A. V. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum. Um estudo de casos*. Domínios de Linguagem, 5, p. 62-89, nov. 2011.
- GONÇALVES, C.A. & ANDRADE, K.E. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. Inédito, 2012.
- GONÇALVES, C. A.V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and phonology. In: I.S. Yang (ed.) *Linguistics in the Morning Calm*, 3 – 91. Seoul: Hanshin, 1982.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- NASCENTES, A. (1995). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- PETROPOULOU Evanthia & ten Hacken, Pius (2002), "Neoclassical word formation in WM electronic dictionaries", in Braasch, Anna & Povlsen, Claus (eds.), *Proceedings of the Tenth Euralex International Congress, Copenhagen - Denmark, August 13-17, 2002*, p. 169-174.

PETROPOULOU, Evanthia. *On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek*. *Patras Working Papers in Linguistics*. Atenas, vol.1, 2009, p. 40-58

SINGH, R. *Trubetzkoy's Orphan*. Amsterdam: Springer, 1997.